

MARCELO R L OLIVEIRA

**ESTÓRIAS
DA
PESTE**

**VERDADES E MENTIRAS DE UM
TEMPO CLARAMENTE OBSCURO**

Editora Penalux, 2021

Prefácio

A palavra “peste” no título serve para lembrar uma época, começo dos anos 20 do século 21, em que as pessoas tiveram que conviver com uma doença provocada por um vírus desconhecido. Mas “da peste” pode ser uma locução a sugerir que as estórias são muito boas... ou muito ruins. Você tem agora a oportunidade de averiguar.

Não foi a primeira epidemia, é claro. Giovanni Boccaccio, por exemplo, em seu *Decamerão*, já nos falava de uma dezena de jovens refugiados nos subúrbios de Florença, em 1348, para escapar da Peste Negra que assolava a cidade.

O surto de 2020, entretanto, foi mundial. Por isso adquiriu *status* de pandemia. Os mais bem preparados do ponto de vista financeiro foram, em geral, menos afetados. Mas até estes passaram por momentos de aflição. A humanidade teve que rever ideias econômicas e políticas, o modo de vida e os relacionamentos. Houve muitas mortes ocasionadas por ações equivocadas (até criminosas) de governos, interesses pessoais e atitudes anticientíficas.

Antes mesmo da tragédia, já se vislumbrara o descrédito da informação com a disseminação de falsidades e superstições. Uma parte da população pôs-se a se orgulhar da própria ignorância e a acreditar nos boatos mais absurdos. E teve gente muito esclarecida que se deu bem incentivando a estupidez. Por esses motivos, em 2020 e vizinhanças, a Terra era plana, os humanos ainda não haviam alunissado, vacinas transformavam pessoas em répteis e o aquecimento global era uma conspiração comunista.

Houve, portanto, a conjunção de dois fenômenos deletérios: a pandemia e a desinformação, também chamada de *fake news*. Isso levou a uma deterioração da política em vários países, com grandes riscos para a democracia.

Este livro foi escrito nesse ambiente, em meio ao meu desespero, esperança, loucura, preguiça, conformismo e revolta – mistura de sentimentos que originou textos, por assim dizer... disparatados. Alguns atestam momentos de grande tristeza e acerba depressão, a maioria aparece com um sorriso meio amarelo. Mas todos, feito as personagens de Boccaccio, ainda tentam fugir à realidade dura e doentia daqueles tempos claramente obscuros.

Inventei-os após longos períodos de insônia à procura de *true news*. Quase só encontrava enganação nas redes sociais e antissociais. Numa atitude catártica, resolvi criar minhas próprias lorotas. Todavia, devido à índole honesta, não pude desprezar completamente a verdade. Aqueles que pretendem aqui encontrá-la precisarão garimpar, como eu

fazia naquelas noites escuras em claro, extraí-la dos veios recônditos dos subterrâneos imaginários.

A apresentação em ordem alfabética dos títulos pareceu-me, inicialmente, uma escolha infeliz. Misturava temas diversos numa sequência incoerente (como se não conversassem entre si). Mas alguém comentou que essa opção imitava bem a desorganização das autoridades brasileiras batendo cabeça naquela época. Pode ser que isso torne um pouco mais difícil encontrar o fato nas patranhas, a realidade na fantasia, a razão no absurdo... Confio que eventuais leitoras e leitores saberão separar o joio do trigo.



Amarelo

— Bege!

— Cinza!

— Bege!

— Cinza!

Assim começou nossa primeira crise conjugal. Ela achava bege um jumento pintado por Van Gogh no quadro: *De manhã: casal de camponeses a caminho do trabalho*. Era cinza, sem sombra de dúvida. Mas não havia como convencê-la. Jogava-me na cara os meus dez graus de miopia. Retruquei:

— Miopia não é daltonismo.

Tiro no pé:

— Quem sabe você é daltônico? Daltonismo é um ***distúrbio*** mais frequente em homens.

Pronunciou a palavra “distúrbio” assim mesmo: em itálico, negrito e, ainda por cima (ou seria por baixo?), grifada. A coisa estava ficando preta. Hasteei bandeira branca e solicitei uma conferência de paz. Admiti: sim, há

coisas mais cinzentas que o asno. Ela cedeu: beges mais nítidos também existem. O jerico era cor de burro fugido, concluímos.

A percepção das cores é muito complexa. Do ponto de vista dos olhos (sem intenção de trocadilho), até que é simples. A luz impressiona as células fotossensíveis da retina. Os impulsos elétricos gerados são disparados nervo óptico adentro. Entretanto, os mecanismos interpretativos dos sinais pelo cérebro são bem mais complicados. Mais difícil ainda é expressar a sensação visual. Além de fatores bioquímicos, a bagagem cultural, o humor e a iluminação (física e/ou espiritual) são variáveis importantes.

Um amigo afirma que só existem: preto, branco, vermelho, laranja, amarelo, verde e azul. O resto é frescura. Sem essa de roxo, anil, lilás, rosa, violeta, índigo, malva, magenta, vinho e quejandos. O que é o roxo, além de um azul metido a besta? O que é a cor vinho? E se o vinho for branco, *rosé* ou verde? E se a uva for *tannat*, *merlot*, *chardonnay* ou *sauvignon blanc*?

Mas a realidade se impõe. O vermelho pode ser encarnado, escarlate, sangue (exceto o da nobreza e de certos invertebrados), carmesim, bordô, grená, tijolo... O laranja é mais comportado. Se bem que já vi laranjas francamente amarelas. E outras, verdes, por estarem verdes. E o verde? Há inúmeros: folha (se não estiver seca), musgo, bandeira (não a chinesa), esmeralda, abacate, oliva, água... Será que verde-água não devia ser azul-marinho ou azul-piscina? Não se trata, ao final das contas, desse líquido insípido,

inodoro e, sobretudo, incolor: a água? O azul também pode ser: esverdeado, celeste, turquesa, cobalto, bebê... Até o branco varia: gelo, neve, fosco... Isso sem falar dos 50 tons de cinza.

De uma coisa, entretanto, estou certo. Visto da tela de meu computador (para apreciar o quadro em cores vivas é preciso visitar o Hermitage, em São Petersburgo), o chapéu do homem representado na mencionada pintura de Van Gogh é amarelo. Só não sei se canário, enxofre, esverdeado, ouro, ovo, limão...

Eis que uma voz com matizes provocantes e tonalidades peremptórias sopra em meu ouvido esquerdo, dirimindo as minhas dúvidas cromáticas:

— Gualdo, amarelo-gualdo.



MARCELO RIBEIRO LEITE DE OLIVEIRA nasceu em 1960, em Ituiutaba MG, onde aprendeu a ler, escrever, jogar futebol e outras coisas que se aprendem na infância e adolescência. Em 1997 tornou-se doutor em Química pela Universidade Federal de Minas Gerais. Hoje é professor da Universidade Federal de Viçosa. Publicou pela editora Penalux: *A grande explosão – fragmentos*, poema em que conta a história do universo. Também escreveu livros voltados para o público infantil e infanto-juvenil. Entre eles: *Certos nomes* (RHJ); *Elementar, caros amigos – o fascinante dia a dia dos átomos* (Universo dos Livros); *O sumiço da elefanta* (FTD) e *A reunião dos planetas* (Cia das letrinhas).



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Chaparral Pro
para a Editora Penalux, e impresso em papel
off-white 80 g/m², em maio de 2021.